



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

NADIEDJA TAVARES DE AZEVEDO

**PESSIMISMO SCHOPENHAUERIANO: UMA ANÁLISE DE O
MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO**

CAMPINA GRANDE - PB
2014

NADIEDJA TAVARES DE AZEVEDO

**PESSIMISMO SCHOPENHAUERIANO: UMA ANÁLISE DE O
MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso –
MONOGRAFIA, apresentado ao Curso de
Licenciatura Plena em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento às exigências para obtenção
do grau de Licenciado em Filosofia.
Orientador: José Arlindo de Aguiar Filho

CAMPINA GRANDE - PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

994 Azevedo, Nadiedja Tavares de
Pessimismo Schopenhaueriano: [manuscrito] : uma análise de
O mundo como vontade e representação / Nadiedja Tavares de
Azevedo. - 2014.

34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, Centro
de Educação".

1. Filosofia Alemã 2. Pessimismo 3. Representação 4.
Vontade I. Título.

21. ed. CDD 193

NADIEDJA TAVARES DE AZEVEDO

**PESSIMISMO SCHOPENHAUERIANO: UMA ANÁLISE DE O
MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso –
MONOGRAFIA, apresentado ao Curso de
Licenciatura Plena em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento às exigências para obtenção
do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovada em 26/05/2014.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Orientador



Prof. Dra. Maria Simone Nogueira Marinho / UEPB
Examinador(a)



Prof. Ms. Fábio Henrique Rodrigues Souza / UEPB
Examinador(a)

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Marcos José (In memoriam) dedico esta monografia, de saudosa lembrança, por ter me levado ao sebo cultural de nossa cidade, onde vi os primeiros livros de filosofia, que logo perguntei: Painho o que é filosofia?.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente a D'us, o único digno de receber honra e glória. Permitindo a realização deste trabalho, pois sem Ele nada do que foi feito, se fez.

Ao professor Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, pela orientação, apoio e paciência na elaboração deste trabalho.

Agradeço a minha querida mãe Nádia Tavares, pela paciência, compreensão e apoio ao longo desta jornada acadêmica, sem seu incentivo e garra de heroína, eu teria desistido nos momentos mais difíceis.

Agradeço a minha irmã Niedja Tavares, e ao meu cunhado Alysson Costa, por terem me animado nas dificuldades, pelas maratonas de seriado e os jogos do Treze Futebol Clube, que me proporcionaram diversão.

Aos meus amigos e amigas, Milka Santos, Rosevânio de Britto, Elizandra Albuquerque, Wesley Manoel, Juliane Santos, e Jéssica Henriques pela força e o presente que é a amizade de vocês. Aos karatecas Sensei Ari Monteiro, Ana Cláudia, Aluska Silva, Érika e Naldo, pelas tardes de sábado que me ajudaram a desopilar, Oss!

Aos amigos e amigas cearenses pelo apoio e estadia durante os períodos de congresso, Jéssica Nunes e Rita de Cássia Nunes. Em especial a Marylia Marques, Marina Marques, Cleyton e Wanderley Moura, pela amizade sincera, e apesar da distância toda contribuição na minha formação acadêmica.

Soli Deo Gloria!

PESSIMISMO SCHOPENHAUERIANO: UMA ANÁLISE DE O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO

AZEVEDO, Nadiedja Tavares – DFCS – CEDUC- UEPB

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar o pessimismo do filósofo alemão Arthur Schopenhauer em sua obra O Mundo como Vontade e Representação. O pensamento pessimista na filosofia schopenhaueriana, sedimenta o dissabor pela vida, amargura e transmutação da matéria humana para a não existência. Schopenhauer dá início a sua principal obra, utilizando-se da distinção entre Mundo dos fenômenos e Coisa - em - si, introduzindo suas teses básicas, isto é, Vontade e Representação. O mundo é dado à percepção, através da representação, em relação a outro ser que o percebe, se nos compreendermos só como sujeitos, o mundo seria apenas representação. O sujeito perceptível torna-se intermediado no todo. As afecções são ponto de partida da intuição do mundo, é no corpo, onde indivíduo sofre a ação da Vontade, origem e fundamento de todo sofrimento, o homem é escravo da Vontade, objetivando-se em movimento perpétuo de vida e morte, feições intrínsecas aos instintos, provocando desejos e tormentos, no que Schopenhauer definiu: “TODA VIDA É SOFRIMENTO”.

PALAVRAS-CHAVE: PESSIMISMO, REPRESENTAÇÃO, VONTADE, SCHOPENHAUER.

ABSTRACT

This work aims to analyze the pessimism of the German philosopher Arthur Schopenhauer in his work The World as Will and Representation. The pessimist Schopenhauer's thought in philosophy, settles the unpleasantness of life, sorrow and transmutation of the human subject to nonexistence. Schopenhauer begins his major work, using the distinction between phenomena and World of thing - in - itself, introducing its basic thesis, Will and Representation. The world is given to perception, through representation in relation to another being that perceives it, if only to understand each other as subjects, the world would just representation. The subject becomes noticeable brokered all. The conditions are the starting point of the intuition of the world, is in the body, where individual suffers the action of Will, origin and basis of all suffering, man is a slave of the Will, aiming in perpetual movement of life and death, intrinsic features instincts, causing desires and tormentos, as defined Schopenhauer: "ALL LIFE IS SUFFERING".

KEYWORDS: PESSIMISM, REPRESENTATION, WILL, SCHOPENHAUER.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. O SISTEMA FILOSÓFICO SCHOPENHAUERIANO.....	8
1.1 UM SISTEMA ÚNICO DE PENSAMENTO.....	8
1.2 MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO.....	12
1.3 O MUNDO COMO VONTADE.....	15
1.4 DA OBJETIVIDADE DA VONTADE.....	18
2. DO SOFRIMENTO DO MUNDO AO OBJETO DA ARTE.....	23
2.1 PESSIMISMO E MORTE.....	23
2.2 GENIALIDADE E LOUCURA.....	29
3. CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da análise o pessimismo do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) em sua obra *O Mundo como Vontade e Representação* (1819). No final do século XVIII e início do século XIX, a Europa passa por um longo período de mudanças, com a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra entre os anos de 1798 e 1832 determinou o amplo progresso científico-tecnológico máquinas a vapor substituídas por máquinas movidas a eletricidade.

Progresso nas comunicações, o aperfeiçoamento das ferrovias e os primeiros automóveis, e o aparecimento de uma nova classe social, a incorporação da figura feminina no contexto cultural, acontecimento que favoreceu um novo público leitor, que buscava novas tendências filosóficas e literárias. Os avanços tecnológicos durante o século XIX trouxeram desenvolvimento econômico para a burguesia industrial, e as novas tendências políticas nos países europeus um descontentamento na classe operária resultando no surgimento de ideias socialistas, liberais e nacionalistas.

Neste contexto sócio-político-econômico que surgem novas direções filosóficas, em toda Europa, e no Novo Mundo, as alterações do quadro social e cultural exigiam filósofos e escritores que abordassem a realidade de forma crítica e meticulosa.

Arthur Schopenhauer (1788 – 1860) filósofo alemão nascido em Danzig, na Alemanha, em 22 de fevereiro de 1788, filho de um rico comerciante, que fora encontrado morto em um canal de Hamburgo, e supõe-se que tenha se suicidado, estudou na França por dois anos, onde aprendeu francês e latim. Depois da morte misteriosa do seu pai aplica-se ao estudo da contabilidade, e dedicando-se aos negócios da família, quase dois anos depois partiu para Weimar onde cursa a universidade, mas devido ao péssimo relacionamento com a sua mãe, segue para Göttingen matriculando-se na universidade de medicina, onde leu Platão e Kant os quais influenciaram bastante seu próprio sistema filosófico. Em 1811 transfere-se para Berlim, passando a estudar na Universidade de Berlim, pretendendo defender sua tese de doutorado em 1813, mas foi impedido, por causa das tropas de Napoleão que se aproximavam.

Partindo para cidade de Weimar, onde rompeu seu relacionamento com a mãe, após uma séria discussão. Mudou-se então para Rudolstadt, e nessa cidade concluiu sua tese, *A Raiz Quádrupla do Princípio da Razão Suficiente*, defendendo-a na Universidade de Jena. Retornando a Weimar, Schopenhauer conhece Goethe que havia lido sua tese e quis conhecê-lo, então pediu ao filósofo que lesse sua *Teoria das Cores*,

passaram a se encontrar com frequência, daí nascendo uma grande amizade. Em 1814, retorna a Dresden onde desenvolve seu sistema filosófico. Em virtude da publicação do tratado *Sobre a Visão e as Cores* (1815) que divergia de Goethe, em muitos aspectos, a amizade entre ambos se deteriora.

No ano de 1819 publica sua obra magna *O Mundo como Vontade e Representação*, em sua primeira edição. Sua tese de doutorado defendida alguns anos antes, foi o ponto de partida para a compilação e publicação da sua obra principal. Trazendo um sistema de pensamento único, no qual o próprio autor não deixa de considerar, uma pedra fundamental que, por muito tempo, foi procurada pelo nome de filosofia, que seu descobrimento é tão impossível de se desvendar como a pedra filosofal. Um pensamento único, que possui coesão arquitetônica em suas partes, em que uma parte ampara a outra, que é suporte de todas as partes, sem ser por elas sustentada, em que o pináculo é sustentáculo sem se sustentar. Refinando conceitos originários da Filosofia kantiana, e das Ideias platônicas, Schopenhauer discernindo entre Mundo dos fenômenos e Coisa-em-si, e em meio aos quatro tomos pertencem o pensamento único exposto com progresso como um todo... Posteriormente Arthur Schopenhauer obtém uma cátedra na Universidade de Berlim, que não impetrando sucesso, depois de longos anos, muda-se para Frankfurt-sobre-o-Meno onde permaneceu até o fim da vida.

1. O SISTEMA FILOSÓFICO SCHOPENHAUERIANO

1.1 UM SISTEMA ÚNICO DE PENSAMENTO

“O mundo é minha representação” assim Arthur Schopenhauer (1788-1860) inicia sua obra máxima, *O Mundo como Vontade e Representação*, comunicando um sistema único de pensamentos que muitos procuravam sob o nome de filosofia, deparando-se com um sistema filosófico que desdobra a cortina dos fundamentos das coisas consideradas impossíveis até serem realizadas.

Com bases na filosofia kantiana e utilizando-se da distinção entre Mundo dos Fenômenos e Coisa-em-si, Schopenhauer fundamenta o seu pensamento, *Vontade e Representação*. Apesar de que para o filósofo se trata apenas da primeira comunicação de um pensamento, que como se mostra único e nunca fora exposto, transportando as características da individualidade tal como este pensamento único, sob o nome de filosofia foi concebido primeiramente. E decerto que a certeza da comunicação que o mundo no qual nós existimos é segundo toda natureza, absolutamente VONTADE e

absolutamente REPRESENTAÇÃO.

Um SISTEMA DE PENSAMENTOS tem sempre de possuir coesão arquitetônica, ou seja, uma tal em que uma parte sustenta continuamente a outra, e esta, por seu turno, não sustenta aquela; em que a édra fundamental sustentada por todas as partes, sem ser por elas sustentada; em que o cimo, é sustentado, sem sustentar. Ao contrário, UM PENSAMENTO ÚNICO, por mais abrangente que seja, guarda a mais perfeita unidade. Se, todavia, em vista de sua comunicação, é decomposto em partes, então a coesão destas tem de ser, por sua vez, orgânica, isto é, uma tal em que cada parte tanto conserva tanto o todo quanto é por ele conservada, nenhuma é a primeira ou a última, o todo ganha em clareza mediante cada parte, e a menor parte não pode ser plenamente compreendida sem que o todo já o tenha sido previamente. Um livro tem de ter, entretentes, uma primeira e última linha; nesse sentido, permanece sempre bastante dessemelhante a um organismo, por mais que a este sempre se assemelhe em seu conteúdo (SCHOPENHAUER, 2005, p.19-20).

Em suma, esta representação já pressupõe objeto e sujeito, portanto se nos perguntássemos o que vem após a supressão desta forma, e de todas as outras que por ela são subordinadas, expressas pelo princípio de razão, esse algo que difere da representação, não pode ser outra coisa senão Vontade, a qual nesse sentido é exatamente a coisa-em-si.

A distinção de mundo é sob duas óticas, cada um que encontra a si mesmo, como Vontade que é a essência íntima do mundo, e cada um que se encontra a si mesmo como sujeito que conhece, isto é, sujeito cognoscente cuja representação é o mundo inteiro, que só tem existência em relação à sua consciência como sustentáculo necessário, um sujeito que é cognoscente, torna-se corpo que é consciência, individualidade.

Cada um é o mundo inteiro nessa dupla concepção, é o microcosmo e ao mesmo tempo o macrocosmo, que são duas partes completas plenamente em si. A filosofia schopenhaueriana não se propõe em apenas descrever o fundamento do mundo, mas em decifrar seu enigma. O pensamento único que é comunicado na obra *O Mundo como Vontade e como Representação*, compila na visão do filósofo muitas questões que são fundamentadas neste pensamento.

Emergem e são respondidas distinta ou indistintamente para explanação completa de todo assunto abordado. Assim como cada ação tem sua causa, tem seu objetivo, mas o que quer em última instância, e qual seria motivação da Vontade que se evidencia, como essência íntima do mundo.

Enxergando um mundo em sua duplicidade, isto é, Vontade e Representação, cada vontade é vontade de algo e possui um motivo, pois cada indivíduo encontra a si

próprio nesta Vontade que consiste a essência íntima do mundo, e cada um se encontra a si mesmo como sujeito, e sua representação é o mundo inteiro, só tem existência em relação a sua consciência.

Para melhor compreensão do conteúdo da obra magna schopenhaueriana, é aconselhável a leitura da introdução do ensaio escrito por Schopenhauer, com o título *Sobre a quádrupla raiz do princípio de razão suficiente*, e o debruçar-se na filosofia kantiana, o qual os conceitos utilizados são oriundos, as categorias, e os sentido interno e externo. Embora na filosofia schopenhaueriana exista uma ligação entre coisa-em-si e mundo dos fenômenos, a Vontade só esta e não aquela se entende por princípio de razão, e sua forma é também lei de motivação, é possível fornecer fundamento para os fenômenos, mas não podemos fornecer o fundamento da Vontade e nem a Ideia na qual ela se objetiva.

Porém, unicamente quando, por aquele ensaio. Reconhecer-se o princípio de razão e o seu significado, até onde vai ou não a sua validade, e que se esse princípio não precede todas as coisas, que o mundo inteiro não existe só como sua consequência e em conformidade com ele, por assim dizer como seu corolário, mas antes tal princípio é tão somente a forma na qual o objeto, qualquer que seja o seu tipo, é sempre condicionado pelo sujeito, é em toda parte conhecido, na medida em que o sujeito, é um indivíduo cognoscente – só assim torna-se possível penetrar no método filosófico aqui seguido pela primeira vez completamente diferente de todos os precedentes (SCHOPENHAUER, 2005, p.21-22).

Desta maneira, tudo que ilumina nossa visão, neste pensamento único, é a tarefa da filosofia schopenhaueriana, interpretar e explicitar o existente, a essência do mundo, que se expressa de maneira incompreensível, e trazer ao conhecimento distinto e abstrato da razão, em todas as relações possíveis e em todos os pontos de vista.

Sabemos que de um ponto de vista objetivo se impõe a distinção entre causa e força natural. E esta força que se manifesta por ocasião dos encadeamentos de causa e efeito deve ser identificada como vontade, a qual conhecemos de um ponto de vista subjetivo. A Ideia surge como o grau de objetividade da ação correspondente a força natural, é a mesma realidade metafísica que recebe o nome de ‘força’ de um ponto de vista físico, e é sempre inexplicável. Este ponto de vista é reconhecido subjetivamente como Vontade, e por fim conhecido como Ideia. A Vontade não é apenas livre, mas é todo-poderosa, dela provém todo o agir, mas também seu mundo, estes dois são ela mesma, pois exterior a Vontade nada pode existir. Schopenhauer não descreve o funcionamento do mundo, mas decifra o seu enigma a partir do conceito platônico de Ideia, que é a essência íntima do mundo, o princípio de razão, a Vontade.

[...] neste caso, sim, alguém poderia perguntar pela causa que aqui permite a

essa força natural produzir o fenômeno da gravidade e da eletricidade. Tudo isso foi anteriormente objeto de detalhadas considerações. Igualmente, cada ato isolado da vontade de um indivíduo que conhece (e que equanto tal é apenas fenômeno da Vontade como coisa-em-si) possui necessariamente um motivo, sem o qual o ato nunca entraria em cena. Mas, assim como a causa material contém meramente a determinação sob a qual neste tempo, neste lugar, nesta matéria uma exteriorização desta ou daquela força natural tem de entrar em cena, assim também o motivo determina neste tempo, neste lugar, sob tais circunstâncias, apenas o ato completamente particular da vontade de um ser que conhece; de modo algum, porém determina o que aquele ser quer em geral e de que maneira. Tal ser é exteriorização do seu caráter inteligível, o qual como a Vontade mesma, a coisa-em-si, é sem fundamento, visto que exterior ao domínio do princípio de razão (SCHOPENHAUER, 2005, p.230).

Ao descrever o mundo com duas polaridades indivisas e inseparáveis, compondo um único pensamento, Schopenhauer evidencia o deciframento do enigma do mundo por meio da Vontade e Representação, mas seguindo assim por entre estas duas partes indivisas e inseparáveis, ressaltamos por conseguinte que cada indivíduo tem plena noção dos seus atos, e sabe justificá-los. Mas ao colocar sua capacidade de volição em destaque, qualquer pergunta dirigida a este indivíduo, de qual seria o real motivo do querer, e da sua existência, no mínimo parecerá adverso, é deste ponto que emana a consciência do indivíduo ser senão Vontade.

A falta de toda finalidade e todo limite, são em essência pertencentes à Vontade, isto é, semelhante a força gravitacional, onde o invisível tomando possibilidade de um final, salta aos nossos olhos. O mesmo é aplicado com todo esforço a todos os fenômenos naturais, a planta que em princípio é semente, seguindo todas as etapas, folhas que nascem tornam-se tronco, galhos, uma árvore até produzir frutos, que é o início de um novo ciclo da semente. O eterno vir-a-ser, que pertence à essência da Vontade se mostrando também nos seres humanos.

Em conformidade com tudo isso, onde o conhecimento a ilumina, a Vontade sempre sabe o que quer, aqui e agora, mas nunca o que quer em geral. Todo ato isolado tem um fim; o querer completo não. Do mesmo modo, cada fenômeno isolado da natureza, ao entrar em cena neste lugar, neste tempo, é determinado por uma causa suficiente, mas a força que nele se manifesta não possui em geral causa alguma, pois é um grau de fenômeno da coisa-em-si, da Vontade sem-fundamento (SCHOPENHAUER, 2005, p.231).

Este pensamento único de Schopenhauer é o conjunto que precede aquilo que denominamos, decifração do enigma do mundo, é o elo de argumentos que fundamenta sua metafísica da Vontade, cuja única forma de autoconhecimento no todo é representação, que expõe a totalidade do mundo intuído, é objetividade.

1.2 O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO

O mundo em toda sua abrangência, e todo universo é representação, em meio há milhares de seres sencientes envolvidos no ecossistema. De todos os seres vivos, apenas o Homem que conhece e não é de ninguém conhecido, que tornando-se cognoscente adquire juízo filosófico, isto é, alcança a iluminação. A representação seja de que natureza for, pura, empírica, abstrata ou intuitiva, é um elemento bilateral, que só é possível entre sujeito e objeto, ou seja, passado, presente e porvir tem por condição o sujeito.

Verdade alguma é, portanto, mais certa, mais independente de todas as outras e menos necessitada de uma prova do que esta: o que existe para o conhecimento, portanto o mundo inteiro é tão-somente objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui numa palavra, representação. Naturalmente isso vale tanto para o presente quanto para o passado e, tanto para o futuro, quanto para o próximo como para o distante, pois é aplicável até mesmo ao tempo, bem como ao espaço, unicamente nos quais tudo se diferencia. Tudo o que pertence e pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar-condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este. O mundo é representação (SCHOPENHAUER, 2005, p.43-44).

Cada um encontra a si mesmo como sujeito, na medida em que conhece, e não quando é objeto de conhecimento. O objeto já é o seu corpo formando espaço e tempo, a outra metade inseparável é sujeito, não se encontra nem no espaço e nem no tempo, pois estando inteiro e indiviso em cada ser que representa, como objeto completa o mundo como representação. Metades inseparáveis até mesmo para o pensamento, sujeito e objeto, tem em si mesmas partes que complementam uma a outra, existem uma para a outra e desaparecem juntas.

É nesta relação que evidencia-se o limite existente, onde começa o objeto, termina o sujeito. Este limite é imediato e mostra-se mais precisamente no fato de as formas essenciais e universais de todo objeto, tempo, espaço e causalidade, que podem ser encontradas e completamente conhecidas partindo do sujeito, isto é, em nossa consciência a priori, sem o conhecimento do objeto.

Segundo Schopenhauer afirma, o princípio de razão é a expressão comum para todas as formas do objeto o qual estamos conscientes a priori, ao que podemos denominar este princípio de razão como a outra metade que compila o mundo, ou seja, a Vontade. A este princípio de razão no qual primeiramente denominamos seu papel na filosofia schopenhaueriana como lei de motivação, a expressão comum para todas as formas do objeto residem em nossa consciência a priori, nada é senão o conteúdo do

princípio mencionado, e do que se segue a partir dele, como anteriormente foi notoriamente ressaltado, cada ação que o corpo exerce, é objetividade desta Vontade. Esse princípio de razão submete qualquer objeto possível, encontrando-se numa relação necessária com outros objetos, de um lado sendo determinado e de outro determinando.

O mundo é minha representação, o caráter que discerne da filosofia dos modernos está na determinação desta tese e correlacioná-la ao problema do ideal com o real. A diferença capital entre todas as representações são entre as intuitivas e abstratas, e esta última constitui apenas uma única classe de representações, os conceitos, que são propriedade exclusiva do Homem, e sua capacidade de formular conceitos, desde sempre denominamos de razão, isto é, a racionalidade.

Quanto as representações intuitivas, estas abrangem todo o mundo visível, ou a experiência inteira, ao lado das suas condições de possibilidade, trata-se da descoberta kantiana de que formas do mundo visível, o elemento comum a todos os seus fenômenos, tempo e espaço, que podem ser não apenas pensados por si, e também intuídos imediatamente.

A intuição não é adquirida através da repetição gerando experiência, mas tão independente desta que a própria experiência depende da intuição, visto que as propriedades de espaço e tempo, conhecidas a priori na intuição, são vigentes em toda experiência possível, como leis com as quais toda experiência tem de concordar. Esta condição está intrínseca à existência do mundo, imprimindo a realidade empírica, logo após no puro fenômeno.

O mundo do intelecto e o mundo externo são diferentes em substâncias, mas são partes inerentes da consciência na função cerebral. Este sujeito cognoscente é alicerce do mundo porque tudo que existe é em relação a este sujeito que é corpo, e sendo corpo é objeto, logo, é representação.

Todavia, jamais se poderia chegar a tal intuição se algum tipo de efeito não fosse conhecido imediatamente, servindo assim como ponto de partida. Este, contudo, é o efeito sobre os corpos animais. Nesse sentido, os corpos animais são OBJETOS IMEDIATOS do sujeito; a intuição de todos os outros objetos é intermediada por eles. As mudanças que cada corpo animal sofre são imediatamente conhecidas, isto é, sentidas, e, na medida em que esse efeito é de imediato relacionado à sua causa, origina-se a intuição desta última como um OBJETO. Tal relação não é uma conclusão em conceitos abstratos, não ocorre por reflexão, nem com o arbítrio, mas é imediata, necessária, certa. Trata-se do modo de conhecimento do ENTENDIMENTO PURO, sem o qual não haveria intuição, mas restaria apenas uma consciência abafada, vegetal, das mudanças do objeto imediato, que seguiriam completamente insignificantes umas às outras caso não tivessem um sentido como dor ou prazer para a vontade. O que o olho, o ouvido e a mão sentem não é intuição; são meros dados. Só quando o entendimento passa do efeito à causa é que o

mundo aparece como intuição, estendido no espaço, alterando-se segundo a figura, permanecendo em todo o tempo segundo a matéria, pois o entendimento une espaço e tempo na representação da MATÉRIA, isto é, propriedade de fazer efeito (SCHOPENHAUER, 2005, p.53-54).

Fazendo-se parte e metade inseparável e essencial do mundo, OBJETO no espaço e no tempo, a outra parte intrínseca SUJEITO, não se encontra no espaço e nem no tempo, são indivisas, inseparáveis, objeto para consciência de um sujeito cognoscente. Resultando assim que um único ser que representa completa juntamente com o objeto o mundo como representação, porém se este ser desaparece o mundo como representação não mais existe.

Para Schopenhauer a única possibilidade de captar a essência do mundo que é cognoscível, é a partir da individuação. Não é apenas conhecer o mundo externo, ser sujeito perceptível, mas é ser corpo.

O sujeito que torna-se cognoscente, através da bilateralidade da relação com o objeto, passa a se compreender como indivíduo, porque é sujeito, mas sua representação é o seu próprio corpo. Se nos compreendêssemos apenas como sujeito, toda nossa relação com o mundo seria representação. O indivíduo é no todo, intermediado pelo corpo, que é o ponto de partida da intuição do mundo.

Ao designarmos nossa atenção para a natureza, buscamos nela o devido esclarecimento de diversas figuras, nas ciências naturais, da história natural, botânica, física, química, zoologia e fisiologia. Estas figuras são classificadas, separadas, unidas e ordenadas conforme seus sistemas, sejam naturais ou artificiais. A elas denomina-se conceitos, que englobam suas definições em uma visão geral do que pode ser considerado o conhecimento do todo. A etiologia é a ciência da natureza que tem por tema principal o conhecimento de causa e efeito, e este determinado estado da matéria dá origem a outra, explicando a sua tarefa.

Porém sua explicação apenas demonstra a organização e quais os estados aparecem no tempo e no espaço. Embora saibamos que a gravidade atua nos corpos, e que os indivíduos carregam características genéticas de outros semelhantes não temos conhecimento da essência íntima de nenhum destes fenômenos. Podemos chamar de forças naturais e de lei natural, a aparição destas forças sendo exteriorizadas e atribuí-las a cada fenômeno ocorrido.

Mas de todas as explicações que podemos remeter aos fenômenos que conhecemos como representações ainda assim permaneceriam incompreendidas em seus

significados. Decerto queremos saber o que significam estas representações, se este mundo não é nada além de representação, ou se possui algo que o complementa. A busca da significação do mundo não pode ser alcançada tão somente pelas representações, seria investigar por fora a essência das coisas, então devemos buscar a essência do mundo a partir da individuação.

De fato, a busca da significação do mundo que está diante de mim simplesmente como minha representação, ou transição dele, como mera representação do sujeito que conhece para o que ainda possa ser, além disso, nunca seria encontrada se o investigador, ele mesmo, nada mais fosse senão puro sujeito que conhece (cabeça de anjo alada destituída de corpo). Contudo, ele mesmo se enraíza neste mundo, encontra-se nele como INDIVÍDUO, isto é, seu conhecimento, sustentáculo condicionante do mundo inteiro, como representação, é no todo intermediado por um corpo, cujas afecções, como se mostrou, são para o entendimento o ponto de partida da intuição do mundo (SCHOPENHAUER, 2005, p.156).

Existe a possibilidade de captar a essência do mundo que é cognoscível, é no indivíduo e a partir da individuação. Não é apenas conhecer o mundo externo, ou de uma maneira superficial, é ser sujeito perceptível, é ser corpo. Se nos compreendêssemos apenas como sujeito toda nossa relação com o mundo seria representação.

1.3 O MUNDO COMO VONTADE

O indivíduo que é alicerce do mundo inteiro é intermediado no todo a partir do corpo, que é o ponto de partida da intuição do mundo, mas também é representação, um objeto entre os objetos, e sendo decifrado de modo diferente, pois senão veria as mudanças de outros objetos apenas como causas, sem compreender seu efeito ou a influência dos motivos, nomeando as exteriorizações e ações como uma força.

É no corpo que o indivíduo padece com a ação de males fisiológicos e metabólicos, que podem ser facilmente explanados através de uma investigação laboratorial. O corpo padece a ação de uma força, e acometido por uma série de sintomas causando-lhe dores, arrepios, sudorese, sofrimento. Esta força que nem a razão, nem entendimento algum é capaz de apreender ou até mesmo reproduzir, como também nenhum diagnóstico é capaz de explicar.

O sujeito do conhecimento que é indivíduo, contempla o seu próprio corpo transfigurar-se em alvo, que é ferido pelos dardos inflamados da manifestação da VONTADE, e esta se torna visível,

A expressão da mesma pode ser dita de diversas maneiras: o meu corpo e a minha vontade são uma coisa só; ou que como representação intuitiva denomino meu corpo, por outro lado denomino minha vontade, visto que estou consciente dele de outra; ou meu corpo é OBJETIVIDADE da minha vontade; ou abstraindo-se o fato de que meu corpo é minha representação, ele é apenas minha vontade (SCHOPENHAUER, 2005, p.160).

O sujeito do conhecimento entra em cena com o desenrolar das cortinas, o palco do mundo recebe-o como indivíduo através do seu corpo, que é dado de duas maneiras, a saber, representação como objeto, e de outra forma indicado pela palavra VONTADE. O corpo mostra-se ambivalente, de um lado caracteriza-se como objeto e sendo objeto entre os objetos, também é representação, por outro lado mostra-se como sujeito que conhecendo tornou-se indivíduo, e desta maneira também é VONTADE.

O conceito de Vontade schopenhaueriano não tem analogia com a capacidade humana de decisão. A vontade humana em sua essência é pura objetividade da Vontade. A ação mostrada no corpo, em todos os seus aspectos, e movimentos, é o puro ato da Vontade, que não pode ser entendida racionalmente, mas pode ser vivenciada como intuição para o entendimento, ela se dá ao conhecimento enquanto se mostra ação no corpo. O corpo inteiro é a vontade objetivada que se tornou representação.

Antes, a palavra do enigma é dada ao sujeito do conhecimento que aparece como indivíduo. Tal palavra se chama VONTADE. Esta, e tão somente esta, fornece-lhe a chave para seu próprio fenômeno, manifestar-lhe a significação, mostrar-lhe a engrenagem interior de seu ser, de seu agir, de seus movimentos. Ao sujeito do conhecimento que entra em cena como indivíduo mediante sua identidade com o corpo, este corpo é dado de duas maneiras completamente diferentes: uma vez como representação na intuição do entendimento, como objeto entre os objetos e submetido às leis destes; outra vez de maneira completamente outra, a saber, como aquilo conhecido imediatamente por cada um e indicado pela palavra VONTADE. Todo ato verdadeiro de sua vontade é simultânea e inevitavelmente também um movimento de seu corpo. Ele não pode realmente querer o ato sem ao mesmo tempo perceber que este aparece como movimento corporal (SCHOPENHAUER, 2005, p156-157).

O ato da Vontade e a ação que ela exerce no corpo não são diferentes, o movimento corporal mostra-se da maneira mais natural possível, pois a Vontade e a ação são a mesma coisa, apenas suas maneiras são dadas de forma diferenciadas. Uma vez imediatamente, e outra na intuição do entendimento. A ação do corpo é nada mais que a ação da Vontade que se objetiva, que apareceu na intuição, isto equivale para qualquer movimento do corpo humano, nada mais é do que Vontade objetivada que se torna representação.

O corpo, este OBJETO IMEDIATO, é denominado OBJETIVIDADE DA VONTADE, e podemos assim dizer que a Vontade é o conhecimento a priori do corpo,

e o corpo é o conhecimento a posteriori da Vontade. Todo ato verdadeiro da Vontade, é simultâneo e fenomênico ato no corpo, e correspondendo todo ato sobre o corpo, é simultânea e imediatamente ação sobre a Vontade, que pode ser denominada de dor ou prazer, não são representações, mas afecções imediatas da vontade em seu fenômeno, o corpo sofre um querer, ou não-querer que lhe é imposto, e instantaneamente sofrido pelo corpo.

O conhecimento que o indivíduo tem da própria vontade, não se separa do conhecimento do seu corpo, pois o corpo é condição de conhecimento da minha vontade, o indivíduo não pode de maneira alguma representar a vontade sem representar seu corpo. A medida em que se conhece sua própria vontade como objeto, conhece como seu próprio corpo.

[...] o corpo é a VONTADE que constitui o mais imediato de sua consciência, porém, como tal, sem aparecer completamente na forma da representação, na qual o objeto e o sujeito se contrapõem, mas dando sinal de si de modo imediato, em que o sujeito e objeto não se diferenciam nitidamente: vontade que não aparece em seu todo, mas se faz conhecer ao indivíduo somente por meio de seus atos isolados; quem, ia dizer, que alcançou essa convicção, obterá comigo uma chave para o conhecimento da essência mais íntima de toda natureza, visto que também transmitirá a todos aqueles fenômenos que não lhe são dados, como o seu próprio, em conhecimento imediato e mediato, mas só neste último, portanto só parcialmente, como REPRESENTAÇÃO (SCHOPENHAUER, 2005, p.168).

A vontade não apenas se manifesta no corpo humano, o fazer-efeito se mostra em todos os fenômenos possíveis que pode se observar na natureza, dos microorganismos que deram origem ao lugar o qual chamamos planeta terra, as propriedades alotrópicas que formam do mesmo elemento químico, substâncias diferentes, por sua estrutura cristalina ou pela atomicidade, como o diamante e a grafita, enxofre rômboico e monoclinico.

Fenômenos climáticos, físicos e químicos, fusão e vaporização, a ordem que segue a cadeia alimentar, parasitismo, predação, a respiração dos seres vivos, assim como sua reprodução, e quando um vegetal clorofilado realiza fotossíntese, todo o ecossistema, seres sencientes e não-sencientes, a biosfera em toda sua totalidade. Onde ocorre alguma modificação natural, o fazer efeito da vontade está se alimentando.

[...] é apenas a Vontade. Como tal não é absolutamente representação, mas toto genere, diferente dela. É a partir daquela que se tem todo objeto, fenômeno, visibilidade, OBJETIVIDADE. Ela é o mais íntimo, o núcleo de cada partícula, bem como do todo. Aparece em cada força da natureza ambas diferem, isso concerne tão somente ao grau da aparição, não à essência do que aparece (SCHOPENHAUER, 2005, p.168).

Torna-se evidente que o conceito de Vontade schopenhaueriano está intrínseco ao corpo humano, e tudo que se faz presente na natureza. No corpo humano é que a Vontade mostra-se impetuosa em objetivar-se, o sistema nervoso, circulatório, endócrino do ser humano, as doenças, os desejos sexuais, as ações não apenas provocadas por motivos, mas as sem motivo, as ações que são por puro instinto, seja de sobrevivência ou sexual, a linha tênue que liga amor e morte, o corpo inteiro é objetividade da Vontade.

1.4 DA OBJETIVIDADE DA VONTADE

A identificação do corpo humano com a Vontade mostra-se que todo o sentimento excessivo abala a estrutura corporal, perturbando o curso das funções vitais, em confirmação a toda ação sobre o corpo afeta a Vontade, a dor, o prazer, seja em graus menores, sensação agradável ou desagradável todo movimento veemente da Vontade, amor, ódio, afeto e paixão abala o corpo e perturba o curso de suas funções.

Até mesmo cada ação isolada do corpo, tem como pressuposto uma determinação, é a lei das causas e os efeitos presentes no corpo humano e no animal, causas (afecções, excitações) e um processo de necessidade, fome que pode ser saciada, alimentação, mudanças completas no corpo oscilando entre desejo, prazer e potencialmente a satisfação.

Portanto apesar de cada ação isolada sob a pressuposição de um caráter determinado, seguir-se necessariamente do motivo apresentado, e apesar de o crescimento, o processo alimentação e as mudanças completas no corpo animal se darem segundo causas (excitações) que fazem efeito necessariamente; mesmo assim a série completa das ações, portanto também cada ação isolada bem como sua condição, o corpo todo que a consoma, consequentemente o processo no e pelo qual o corpo subsiste, não são outra coisa senão fenômeno da vontade, o tornar-se visível, a OBJETIVIDADE DA VONTADE (SCHOPENHAUER, 2005, p.166-167).

O amor e sua passionalidade estão no centro da existência humana, amor e morte pertencem ao todo, está interligado a tudo aquilo que entendemos por vida na natureza, tanto nos seres humanos, quanto nos animais. Aquilo que denominamos sentimento puro é manifestação da Vontade, objetividade, e o que entendemos por amor é mais uma das multifacetadas formas que a Vontade se objeta. Não reduzimos o amor apenas ao simples fato da sexualidade, mas evidenciar que o amor é submetido é território no qual

o fazer-efeito da Vontade se alimenta, tanto no Homem como no animal. É nisto que para Schopenhauer a objetividade entra em perfeita conformidade com a vontade do corpo humano e do animal, que a finalidade do corpo, sua fabricação e seu fabricante aparece com a finalidade de ser subserviente à Vontade, e objetivá-la.

Desse ponto de vista, as partes do corpo têm de corresponder perfeitamente às principais solicitações pelas quais a vontade se manifesta têm de ser a sua expressão visível. Dentes, esôfago, canal intestinal são a fome objetivada. Os genitais são o impulso sexual objetivado; as mãos que agarram e os pés velozes já correspondem ao empenho mais indireto da vontade que eles expõem. E, assim como forma humana geral corresponde à vontade humana em geral, assim também a compleição esta que, portanto, sem exceção, é em todas as partes características e significativa (SCHOPENHAUER, 2005, p.167).

A questão do querer viver, revelar-se no amor, em toda vida na natureza, Homens e animais, é o instinto que não é proveniente de conhecimento reflexivo, o querer viver é cego, o instinto sexual é inconsciente e passageiro. Na natureza existem verdadeiros rituais para reprodução, o acasalamento é à base da vida de qualquer ser, o inseto Louva-a-deus (Mantis Religiosa), que é encontrado em zonas tropicais e subtropicais do planeta, faz um verdadeiro ritual para perpetuar a sua espécie.

A fêmea do louva-a-deus sendo muito violenta faz-se necessário que o macho antes de fecundá-la prenda suas patas, porque se por acaso a fêmea se libertar, não hesitará em atacar o seu parceiro, devorando a cabeça do macho. A liturgia sexual faz parte das preliminares, o macho que não seguir o ritual, imobilizando a amada, estará literalmente morto. É importante reconhecer na sexualidade a vontade de vida, enquanto querer viver, através do instinto sexual, perpetuar-se através de um novo indivíduo que irá surgir após a relação sexual, a superioridade da Vontade sobre o intelecto, em todas as espécies na natureza.

Este fazer-efeito da Vontade manifesta-se sob diversos aspectos, para a consciência individual é entendido como impulso sexual, que não apenas é direcionado para um único indivíduo do sexo oposto, é pura e simplesmente o querer-viver em si mesmo, fora do fenômeno. Mas o que a consciência individual entende por impulso sexual direcionado a um determinado indivíduo do sexo oposto é a vontade de vida, enquanto querer viver de um indivíduo, a consciência individual é iludida pelo impulso sexual que apesar de ser uma necessidade subjetiva é mascarada por meio de uma admiração objetiva, pois a perpetuação da espécie depende do desejo sexual.

Todo desejo sexual, todo sentimento de posse, o gozo físico, tem a procriação por objetivo. Schopenhauer não trata da questão do impulso sexual por pessoas do

mesmo sexo, pois o conceito atual de homoafetividade deu-se após a sua morte. Em uma curta passagem da *Metafísica do Amor*, ele cita que algumas vezes, por questão de instintos, e guiado pela beleza o Homem pode ‘desviar-se da regra’, fazendo alusão à pederastia, na Grécia Antiga. O Homem pode degenerar-se em inclinação a pederastia por consequência da admiração da beleza masculina, já que para Schopenhauer a beleza masculina é superior à feminina.

Da grande preponderância do cérebro nos homens, explica-se que eles tenham menos instintos que os animais, e que mesmo os poucos que possuem possam ser facilmente mal direcionados. Desse modo, o sentido da beleza, que direciona instintivamente a escolha do objeto da satisfação sexual, é mal dirigido quando degenera em tendência para pederastia; esse caso é análogo ao fato de que a mosca-varejeira (*Musca vomitoria*), em vez de, em conformidade ao instinto, pôr seus ovos na carne putrefata, os põe na flor do *Arum dracunculus*, induzida pelo odor cadavérico desta planta (SCHOPENHAUER, 2004, p.21-22).

A satisfação do impulso sexual é chamada de amor. Em meio aos olhares dos amantes, e a sua forte atração correspondendo cada indivíduo mutuamente, a Vontade é objetivada através do querer viver do novo indivíduo gerado por meio da união do desejo sexual de ambos. É inexplicável todo o desejo consumado, a fusão que gera um ser único, isto é, um novo indivíduo.

O primeiro instante de vida deste novo indivíduo é o instante que seus pais começam a consumir o ato sexual, isto é, se amar. Em outros casos, quando o indivíduo é egoísta, e vive como ser individual, com seus próprios fins egoísticos, nos quais lhe permitem segurança, é deslumbrado a ser ativo e sacrificar-se para conservação da espécie, a questão não se torna compreensível, para o seu entendimento que é adaptado para suas finalidades individuais. Desta maneira, a natureza alcança seu fim implantando neste indivíduo, e tornando nítido no seu corpo a ilusão de que perpetuar a espécie é um bem para si, mas é pura quimera, pois constitui em um bem só para espécie.

Compreender o amor no animal e tanto como no humano, sem ser relacionado com o instinto sexual é inconcebível para Schopenhauer. A necessidade sexual enlaça cada indivíduo através da espécie, e é ainda mais básica que aliviar a fome e a sede, a comida para a nutrição de cada ser vivo. Na sexualidade a vontade de vida se afirma no indivíduo por intermédio da espécie, sua afirmação além do interesse individual, o instinto sexual é o apetite dos apetites, é a fome insaciada, é o desejo que constitui o próprio ser do Homem, o mundo como Vontade, e onde a Vontade e seu fazer-efeito são manifestados. É o mundo como Eros, o fim das contas o ato de procriar, tornar-se

visível sem intervenção do conhecimento dado no intelecto, como coisa-em-si, distinta da volição consciente.

Esta ilusão é denominada de instinto, que no corpo do indivíduo ocorrem mudanças hormonais, e este sofrendo uma dosagem excessiva de feromônios, comandados por seu cérebro e obedecidos por seu sistema endócrino, alterando sua química corporal, e na maioria dos casos é conhecida como o sentido da espécie que expõe a vontade humana, a volição subserviente à Vontade, e por intermédio da objetividade, demonstra no indivíduo, no corpo. O Homem possui instinto, desde seu nascimento, pois o recém-nascido age por necessidade e também por instinto, ao agarrar o seio materno, para saciar sua fome, alimentando-se do leite materno. A Vontade se objeta através do instinto na escolha sutil, e obstinada de outro indivíduo para satisfação sexual, esta escolha nada tem a ver com beleza ou feiura, mas com um único e verdadeiro fim desta minuciosa procura a criança a ser procriada, a conservação da espécie, do modo mais íntegro.

Temos de fato aí uma revelação instrutiva sobre a essência íntima de todo instinto que, quase sempre, como aqui põe o indivíduo em movimento para o bem da espécie. Pois é manifesto que o cuidado com o qual o inseto busca uma determinada flor, ou fruto, ou esterco, ou carne, ou, como, os ichneumonídeos, uma larva de inseto estranho para apenas lá depositar seus ovos, não temendo canseira ou perigo para atingir tal objetivo, é bastante análogo àquele pelo qual um homem escolhe para satisfação sexual cautelosamente uma mulher de qualidade determinada que lhe agrade individualmente, e então se esforça ansiosamente por ela, de modo tal que, muitas vezes para atingir esse fim, a despeito da razão, sacrifica sua própria felicidade de vida por causa de um casamento insensato ou de uma disputa amorosa que lhe custam poder, honra e vida, inclusive por meio de crimes, como o adultério, ou o estupro; tudo isso apenas para servir à espécie do modo o mais conveniente possível, em conformidade à, em toda parte, soberana Vontade da natureza, mesmo se à custa do indivíduo. A saber, em toda parte o instinto é como um agir segundo um conceito de fim e, no entanto, totalmente sem este. A natureza o implanta lá onde o indivíduo que age seria capaz de entender o fim ou o perseguir de mal grado (SCHOPENHAUER, 2004, p. 18).

Deste modo, para Schopenhauer pouco importa oscilar entre coisas boas e más da vida no geral, a imediatez do viver produz o plano de fundo, de que todo fôlego de vida humano é o sofrimento, inerente ao viver. O ser humano caminha de fracasso em fracasso, desejos por trás de desejos, essência da insatisfação, que impele o anseio por uma nova satisfação, o descontentamento da insatisfação é apenas um verme que corrói lentamente o indivíduo, na expectativa de que o melhor está por vir, sempre buscando satisfazer-se, dançando entre o campo minado, ao encontro dos braços da morte.

A vida é efêmera, o anseio por algo que acalente o corpo faminto do indivíduo, e seu desejo insaciável por sexo, é a regra geral, é objetividade da Vontade. A voracidade das concupiscências do Homem está além de uma necessidade biológica, são ilusões que o gole de absinto lhe proporcionará, os delírios que arrebatam a mente e o corpo, na perspectiva que o estado, ao qual esta fuga proporciona, é à aproximação com o pior. O Homem vive entre os tormentos do prazer, e os momentos de lucidez, embriagado pela esperança de uma vida contentada nos vícios e nas virtudes, cambaleando nos caminhos ermos e íngremes, preso nos grilhões do domínio sensível, buscando o refúgio debaixo das asas fictícias de um ser metafísico que a religião oferece.

Assim é o contraste da vida, desde o início, segue seu curso do nascimento, crescimento, reprodução e morte, não necessariamente ter que reproduzir, porém nenhum indivíduo poderia escapar da morte.

2. DO SOFRIMENTO DO MUNDO AO OBJETO DA ARTE

2.1 PESSIMISMO E MORTE

Schopenhauer é o arauto do pessimismo, e não só introduziu o termo na filosofia, mas fez uso do pessimismo como uma tese e o correlacionou à crítica da doutrina leibiniziana do melhor dos mundos possíveis e, com sarcasmo, ao *Cândido ou Otimismo* de Voltaire. Para o filósofo alemão vivemos no pior dos mundos possíveis, onde a felicidade é efêmera, momentânea no alívio das necessidades, a ilusão que esta produz tem efeito rápido, logo o descontentamento subjuga o indivíduo, e este toma conhecimento que vive de fato no pior dos mundos possíveis, que supera em horrores o inferno descrito por Dante na *Divina Comédia*. Sendo assim, o pessimismo schopenhaueriano convida-nos a contemplar o sofrimento.

Toda satisfação, ou aquilo que comumente se chama felicidade, é própria e essencialmente falando apenas NEGATIVA, jamais positiva. Não se trata de um contentamento que chega a nós originalmente por si mesmo, mas sempre tem de ser a satisfação de um desejo; pois o desejo, isto é, a carência, é a condição prévia de todo prazer. Com a satisfação, entretanto finda o desejo, por consequência o prazer. Eis por que a satisfação ou contentamento nada é senão a liberação de uma dor, de uma necessidade, pois a esta pertence não apenas cada sofrimento real manifesto, mas também cada desejo, cuja inoportunidade perturba nossa paz, sim, até mesmo o mortífero tédio, que torna nossa existência um fardo. É extremamente difícil obter e conservar alguma coisa. A todo plano se opõe um sem-fim de dificuldades e problemas (SCHOPENHAUER, 2005, p.411).

O ser humano pode julgar-se livre e capaz de ser senhor de seu próprio destino, mas depara-se com sua liberdade baseada em quimera e atenta espantosamente que, não importando suas intenções e cogitações, nada muda em seu comportamento até o fim de sua vida, este exercerá o papel que lhe aprouver. O mundo é obra da Vontade, o querer viver, a volição, e em todos os processos vitais, as necessidades biológicas, fisiológicas e sexuais, assim como os nervos, a corrente sanguínea, o pulsar do coração, todo o corpo humano, é OBJETIVIDADE DA VONTADE.

A Vontade escraviza o Homem e faz de seu corpo emissário da sua objetividade. É a raiz de todo sofrimento, infelicidade fundamental, é insatisfação, subjugando os instintos humanos, o homem desde sua concepção até seu nascimento, vem ao mundo como um animal domesticado pela Vontade, toda objetividade que materializada através do corpo humano, será, para os seus hospedeiros, demonstrada da forma mais natural possível.

Em todos os graus, é através dos fenômenos naturais que o fazer-efeito da Vontade declara-se voraz. Um mundo de Vontade é um mundo de tirania. O mundo reflete a Vontade como um espelho, toda tristeza e alegria que transpassa o mundo, são análogos à Vontade cumprindo sua objetividade de modo cruel. Através do desejo e do tormento, devorando a si mesma como o habitante do Tártaro devora a própria carne, atingindo estágios densos, caçando a si mesma, sua expressão nua e crua.

No fundo, tudo isso se assenta no fato de a Vontade ter de devorar a si mesma, já que nada existe de exterior a ela, e ela é uma Vontade faminta. Daí a caça a angústia, o sofrimento (SCHOPENHAUER, 2005, p.219).

A humanidade carrega o fardo de estar vivo, por ações planejadas, e pelas não planejadas, são apegos de todos os tipos que preenchem a vida, as necessidades que proporcionam um bem passageiro, intermediários da cobiça, precedendo as agonias da insatisfação. Logo um novo desejo surgirá, e a insatisfação este verme que corrói o indivíduo, o conduzirá à miséria de perseguir seus desejos até satisfazê-los, não importando o preço a ser pago, embora sua obsessão conceba sua decadência moral.

São os vícios nas alucinações do ópio que entorpecem, e proporcionam o prazer de estar sedado, mediante as dores que a efemeridade da vida humana causa. Porém, as doses de láudano nem sempre continuaram eficazes, os efeitos colaterais surgirão, e o subterfúgio da realidade será apenas memórias. O Homem que cede aos seus próprios caprichos, e faz uso de toxinas, abre mão de ser sujeito para ser objeto, deixa de lado sua individuação, seu corpo, cessando sua existência. “Profundissimamente hipocondríaco, este ambiente me causa repugnância, sobe-me na boca uma ânsia análoga à ânsia, que se escapa da boca de um cardíaco” (ANJOS, 1985, p. 8).

É a expressão da miséria de Tântalo, que testando a onisciência dos deuses roubou-lhes seus manjares, oferecendo a carne de seu próprio filho em um banquete. Foi sentenciado a ser arremessado ao Tártaro, sem poder saciar sua fome e sede, quando se aproxima da água esta escoava para longe, deseja do fruto das árvores para comer, o vento afasta os galhos, para longe. Fadado a viver o suplício de Tântalo, eternamente com fome e com sede, necessidades básicas de todo ser vivo, assim é o homem, deseja o que está próximo, contudo é inalcançável. É inútil qualquer revolta contra a ordenação do mundo que é a Vontade cega e sem-fundamento, desafiá-la seria igualmente nulo, o homem replicaria o mito de Sísifo que ao desafiar os deuses, numa trama de morte e vingança, recebeu o castigo por seus atos.

O desvelar da realidade crua, diante de seus olhos, antes inebriada pelo torpor e o engano de estar no comando de seus atos, da sua vida, não passando de um sonâmbulo, vagando pelo circo que é o mundo, repete a mesma tarefa de Sísifo, empurrando sua penitência até o topo de uma montanha, esta pedra pesada, que é sua própria existência.

Provém da absurdidade da vida, e sua brevidade todo o desgosto, o homem busca o sentido de estar vivo, não encontra abrigo metafísico que lhe dê refúgio, não existe alívio para o fardo que carrega a infelicidade de que as coisas negativas suprimem as coisas positivas, o prazer gera a negatividade, as alegrias são abaixo das nossas expectativas, a decepção as excedem de todas as formas, a vida é reflexo da futilidade da rotina, um destino ao menos absurdo, semelhante ao animal que sai a caça e devora o outro, sente prazer ao saciar seu desejo, amanhã sentirá fome novamente, e sairá em busca de outra presa, mas cabe aos animais que são devorados à punição de não mais existir.

Assim, toda alegria vivaz é também um erro, uma ilusão, já que nenhum desejo realizado pode nos satisfazer duradouramente e, ainda, porque toda posse e felicidade só podem ser concedidas pelo acaso por tempo indeterminado, consequentemente podem ser tiradas na hora seguinte. Toda dor, por seu turno, baseia-se no desaparecimento de uma tal ilusão (SCHOPENHAUER, 2005, p.144).

Toda volição, isto é, o querer e a vontade nasce de uma precisão, trabalho, obtenção de bens materiais, fome, sede, tormenta, angústia e aflição, o ser que vive a vida desmedida e não faz menção das consequências. As carências do Homem são as suas próprias necessidades, escravizando ao sempre querer mais.

Caso o Homem tivesse todos os seus desejos prontamente realizados, não restaria mais nada a fazer, morreria de tédio, se matariam uns aos outros e consequentemente a vida de sofrimento seria maior do que agora a natureza lhes impõe. O último suspiro de vida do Homem é a cada dia que ele está vivendo, o infortúnio de estar vivo e ir morrendo aos poucos, semelhante ao barco à deriva, o homem está à deriva no vazio, agarrando-se ao menor dos desgostos como uma tábua de salvação.

[...] pois assim o jogo da passagem contínua entre desejo e a satisfação e entre esta e um novo desejo - cujo transcurso, quando é rápido, se chama felicidade, e quando é lento se chama sofrimento - é mantido, evitando-se aquela lassidão que se mostra com o tédio terrível, paralisante, apatia cinza sem objeto definido, languor mortífero. Em conformidade com tudo isso, onde o conhecimento a ilumina, a Vontade sempre sabe o que quer aqui e agora, mas nunca o que quer em geral (SCHOPENHAUER, 2005, p.231).

A condição humana é melancólica, o amargo da vida é o resultado de uma tarefa laboriosa que nem a morte e nem a poesia podem corrigir duradouramente, o mundo está longe de ser uma Criação perfeita, de um deus bom, que se preocupa com o bem estar de suas criaturas, é um lugar de aparência odiosa, as nossas culpas tornaram-no desprezível, os dias de fato transfiguraram-se em desespero, melancolia e vazio, ilação das obras das nossas culpas, o mundo como Vontade de maneira alguma, pode ser um bom lugar.

É neste vazio que reside todas as mazelas da humanidade haja vista a melancolia, tédio, tristeza, desesperança, são todos os nomes de um determinado ‘algo’ que é um não sei o ‘que’ que atormenta o ser, atormenta a alma provocando ‘dor’, gritos dentro da alma humana e destruindo ‘por dentro’ o ser em si, uma revelação do tormento e da revolta (REDYSON, 2008, p.22).

Todos os males oriundos da Vontade são semelhantes aos males revelados pela caixa de Pandora, geram em Schopenhauer o dissabor pela vida, a loucura revela-se como subterfúgio à realidade que é viver, mas não cessaria a agonia de estar vivo. Atos como a morte poderiam mostrar-se como o fim de toda penúria humana, ou seria o suicídio a saída, para o dédalo que sufoca a humanidade, porém, a loucura, o suicídio ou a morte destruiriam apenas individualização humana, não o pecado original.

A morte tão pouco seria solucionável, esta pertence ao mundo dos fenômenos, com ela também seria extinta a individualização humana. “Só os otimistas se suicidam, os otimistas que não conseguem mais sê-los. Os outros, não tendo nenhuma razão para viver, porque teriam para morrer” (CIORAN, 1991, p.56).

O sofrimento é o sentido da nossa existência, a maior contraposição do mundo é imaginar que a dor infinita, que nasce da miséria inerente à necessidade de todo ser à vida, do qual o mundo é pleno, seja apenas meramente acidental e sem sentido. O mundo é um lugar de penitência, e se a nossa existência na terra não tem por finalidade a dor, e o sofrimento, não há nenhuma razão de ser no mundo.

A morte é propriamente o gênio inspirador, ou a musa da filosofia, pelo que Sócrates a definiu como preparação para a morte. Dificilmente se teria filosofado sem a morte. Por conseguinte, é justo que uma consideração especial sobre ela tenha um lugar aqui, no fecho último, do mais sério e do mais importante de nossos livros (SCHOPENHAUER, 2004, p. 59).

É a morte esta musa da filosofia, que nivela todos os seres vivos, no qual as religiões servem de consolo e preparação da humanidade para encarar frente a frente, com um olhar tranquilo, cuja penitência é não mais existir. Todo nascer e perecer são

em essência adversos, mas serve na finalidade de ver o homem vir do nada e voltar para o nada, conservando na morte uma confiança e um desprezo por ela. De acordo com tudo que foi ensinado sobre a morte, e colocando em evidência as religiões que creem em uma vida após a morte, não se pode negar que em meio às opiniões das pessoas, exista uma oscilação acerca da morte. A concepção que a morte é a aniquilação absoluta, e a suposição de que o Homem é imortal enquanto carne e osso permanecem ilusórios, pois tais concepções se suprimem por si mesmas.

O bramanismo e o budismo, que ensinam ao homem a se considerar como o próprio ser originário, o Brama, ao qual todo nascer e perecer são em essência a estranho, servirão para esse fim muito mais do que fizeram o homem a partir do nada e deixam efetivamente sua existência, recebida de um outro, começar com o nascimento. Em conformidade com isso, encontramos na Índia uma confiança na morte e um desprezo por ela, dos quais não se tem nenhuma noção na Europa. É, de fato, uma coisa questionável, imprimir precocemente no homem, nesse assunto tão importante, conceitos fracos e insustentáveis, e assim torná-lo para sempre incapaz de admitir o que é correto e seguro (SCHOPENHAUER, 2004, p.60).

O Homem de acordo com a consequência natural teme mais a morte do que qualquer outra coisa. Por este motivo chora a morte dos seus próximos, em verdade a cada lágrima, manifesta sua perda e sofre a desgraça que lhe aconteceu. A morte é o absurdo, o mistério do desconhecido, é para o homem a separação das coisas que ele ama, paralelamente a isso está o fato de que a sede de vingança procura a morte do adversário, em grau mais elevado, é o maior mal que o Homem pode infringir ao outro. Na natureza a voz da morte é ouvida, e permanece sempre e em toda parte igual, e diz que sua ação é um grande mal, isto é, na linguagem da natureza, morte significa aniquilação, e deixa salientar que a vida não é, de forma alguma, uma brincadeira.

O temor da morte é independente de toda carga de conhecimento que o Homem carrega, pois os animais também temem a morte, embora não tenham consciência. Tudo que nasce já traz consigo este temor da morte, é a priori, pois é justamente o contrário da Vontade de vida. Pois em cada animal, o cuidado com a perpetuação de sua espécie é prioridade, e o medo da destruição de sua espécie é inato. Por isso com cuidado põe sua prole em segurança diante de cada coisa que lhes oferece perigo. O animal é pura Vontade de vida, por isso treme, foge e esconde-se, como assim é tentar ganhar tempo, embora seu destino também seja morrer. O Homem é por natureza desta mesma forma, a morte é o maior dos males, e o que pior pode nos ameaçar a maior angústia, é a angústia da morte.

Se o que faz a morte aparecer-nos tão terrível fosse o pensamento do não-ser, então teríamos de pensar, com calafrio igual, no tempo em que ainda não

éramos. Pois é incontestavelmente certo que o não-ser após a morte não pode ser diferente daquele anterior ao nascimento, e portanto também não é lastimável. Uma infinidade inteira fluiu, quando ainda não éramos: mas isso não nos aflige de modo algum. Ao contrário, o fato de que após o intermezzo momentâneo de uma existência efêmera deva seguir-se uma segunda infinidade, na qual não mais seremos, o achamos duro e mesmo insuportável. Deveria então essa sede de existência ter nascido do fato de que nós a degustamos e a achamos deveras adorável? Antes a experiência feita bem poderia ter despertado um anelo infinito pelo paraíso perdido do não-ser. Também a esperança de uma imortalidade da alma vem sempre atrelada à de um “mundo melhor” – um signo de que o mundo presente não vale muito (SCHOPENHAUER, 2004, p.65-66).

Não há nada mais horrível do que uma execução, o apego sem limites à vida não é originário do conhecimento e nem da cautela. O valor objetivo da vida é incerto e duvidoso, é preferível não-ser (não existência) porque nenhuma sensatez, sabedoria e nem a experiência são suficientes, pois a tendência humana é sucumbir à não existência, seja por doenças, assassinatos, ou pena de morte. Com todos os apertos e dificuldades que a vida pode oferecer, o Homem ama a vida, mas a morte, o nada, não deixa de ter seu lado bom. Embora a ideia de vida eterna seja uma anedota de mau gosto, o Homem vive querendo que seus suplícios de toda forma venham findar, entre os anos que depois do seu nascer ainda lhe restam para viver. Pois o Homem não sabe o dia que irá morrer, sua existência desaparece por completo ante o tempo sem fim, o qual não mais existirá.

E por fim até a própria morte conforme a natureza, por velhice, a eutanásia, é um gradual desaparecer e perder-se da existência, de maneira inobservável. [...] os dias passam sempre mais rápido, os acontecimentos perdem sua importância e tudo se empalidece (SCHOPENHAUER, 2004, p.70).

Por isso diante de toda esta reflexão sobre a morte, parece no mínimo cômico preocupar-se com o espaço de tempo entre a não existência e a volta para não existência, isto é, o movimento de nascer e morrer, o qual denominamos vida. Todo apego humano a vida é irracional e cego, só explicável pelo fato de que somos Vontade de vida, e este querer viver, vale como um bem supremo, por mais melancólica e amarga, breve, dolorosa e incerta que a vida no geral possa ser. O conhecimento não é a origem do apego à vida, mas atua contra, e à medida que desvela a ausência de valor da vida, combate o medo da morte. Quando o conhecimento triunfa a Vontade cega, o medo da morte não mais existe, e o homem encara sua face corajosamente.

2.2 GENIALIDADE E LOUCURA

Na obra de Schopenhauer, *O Mundo como Vontade e como Representação*, a loucura conserva-se com sua predominância a algo implícito. Sendo que o filósofo destaca a questão da irracionalidade, isto é, a loucura como uma consequência da capacidade do gênio, que por sua vez torna-se mais susceptível à insanidade do que o indivíduo comum.

As questões que Schopenhauer remete, acerca da loucura, são relacionadas ao gênio em sua obra *Metafísica do Belo* que apresenta um novo tipo de pensamento que não está mais submetido à Vontade. Este conhecimento não está compelido a fundamentar suas relações sobre o princípio de razão, que é o meio de conhecimento do homem servil à Vontade. O gênio, podendo contemplar genuinamente os objetos do mundo ao seu redor, destituindo-se da sua vinculação com outros objetos e consigo mesmo, mergulha na contemplação do belo, desvinculada da Vontade no qual todo objeto imediato, isto é, o corpo, como sujeito para com o objeto, é inerente.

Para tornar concebível a possibilidade do gênio, e, justamente pela compreensão de sua possibilidade, também entender melhor sua essência, temos de pensar da seguinte maneira: para que o gênio apareça num indivíduo este tem de caber uma medida das faculdades de conhecimento que ultrapassa em muito aquela exigida para o serviço de uma vontade individual; tal excedente de conhecimento torna-se livre (da servidão da vontade), permanecendo, por consequência, como puro sujeito do conhecimento, espelho límpido da essência do mundo. Essa concepção esclarece ao mesmo tempo, de maneira perfeita, todas as excentricidades e falhas de caráter que sempre se percebeu na individualidade dos seres geniais. Por exemplo, frequentemente se encontra em indivíduos geniais uma sobrecarga de cada disposição, não importa seu tipo, veemência dos afetos, mudança rápida de humor, melancolia predominante, tudo isso podendo ir às raias da loucura – temos uma descrição incomparável dessas falhas e dos sofrimentos daí decorrentes no *Tasso*, de Goethe (SCHOPENHAUER, 2003, p.62).

É através deste conhecimento estético que vemos a obra de arte à luz das Ideias, já que de acordo com Schopenhauer apenas o gênio tem a capacidade de contemplar as Ideias. É a pura contemplação dissolvendo-se completamente no objeto de arte, que as Ideias são apreendidas, apresentadas pelas obras de arte, que o gênio pode retirá-las do mundo e torná-las objeto da arte. Embora qualquer pessoa possua também a capacidade de contemplar o belo, ou seja, o objeto da arte, no entanto, possui esta capacidade de maneira atenuada, isto é, em graus menores. Por este motivo os indivíduos comuns não podem obter uma visão pura e objetiva, podem até contemplar o belo, mas não o

contemplam de modo desinteressado, esquecendo de todo o mundo ao redor, da sua pessoa e das suas relações.

Em consequência, a genialidade segundo a filosofia schopenhaueriana incide na capacidade de proceder de maneira puramente intuitiva, é a objetividade mais perfeita, orientação objetiva do espírito, em contraposição a subjetiva que é a individuação, a própria Vontade. Apenas o puro sujeito que conhece é capaz de apreender as Ideias, esta capacidade surge do desenvolvimento da faculdade de conhecer, além do que a Vontade exige, por interesse, por suas finalidades. É abandonando a forma comum de considerar as coisas que o homem torna-se sujeito do puro conhecimento, que não só por um instante, mas com clareza e de forma duradoura, reproduz a arte planejada, de acordo com o que foi apreendido.

O conhecimento em toda sua energia assumiu a pura orientação objetiva, e o objeto é claramente concebido conforme a sua essência mais íntima. Em outros momentos, todavia, em que o indivíduo genial está ocupado com a própria pessoa, seus fins e destino, todo excedente de conhecimento toma a orientação e tem de, a serviço da vontade individual, iluminar seus fins e destinos; com isso, o enérgico poder de conhecimento além do normal mostra tudo ao indivíduo genial de maneira extremamente vivaz, com cores quentes e aumentando ao assombroso, fazendo com que veja o extremo em toda parte. Exatamente por isso, por essas representações exageradas, a vontade é excessivamente excitada, cada disposição é sobrecarregada, cada movimento da vontade se torna afeto; e visto que o adverso e o inconveniente são em maior número que o favorável e o desejável, a melancolia se torna dominante: uma representação vivaz reprimirá (wird verdrängen) de imediato a outra, levando o humor a mudar rapidamente, pulando de um extremo a outro (SCHOPENHAUER, 2003, p.62-63).

Tão somente o gênio tem a característica de retirar o essencial do mundo e transformá-lo em objeto de arte, embora a capacidade de contemplar as Ideias seja comum a todos os indivíduos, é mais propenso o indivíduo comum enxergar as Ideias nas obras de arte do que na natureza, apenas o gênio possui a percepção pura e objetiva.

Agora a susceptibilidade do gênio à loucura, constituindo uma desvantagem devido à proximidade com a insanidade. Os objetos dos gênios neles mesmos são as Ideias, a partir do momento em que o modo de conhecimento que segue o princípio de razão é abandonado, a Ideia é apreendida e assim o conhecimento genial, o conhecimento da Ideia não segue o princípio de razão, mas é o conhecimento que segue o princípio de razão, que está ligado à ciência e à racionalidade. As carências provenientes do abandono do conhecimento como princípio de razão serão próprias do indivíduo genial. Estas falhas dos indivíduos de gênio são concernentes a eles à medida

que estejam imersos no modo de conhecimento genial, o que não ocorre em todos os momentos de sua vida.

O conhecimento destituído da vontade e apreensão das Ideias tem necessariamente que ser de novo abandonada, pois o gênio não permanece apreendendo as Ideias duradouramente. Exatamente por isso que a faculdade de conhecimento genial vigora apenas por certo tempo, a atuação do gênio é considerada uma inspiração, por isso é chamado de gênio. A aversão do gênio em seguir o princípio de razão lhe afeta, conduzindo a certas carências, o gênio enquanto está ativo em sua genialidade não pondera seguir nenhuma prudência, manifestando a falta da mesma, o que a experiência mesma confirma. O gênio é irreverente, é a inconstância das ondas do mar, se por ventura o gênio deixar a prudência fazer efeito, de maneira alguma estará sendo genial.

Por fim, ainda resta demonstrar o mesmo no tocante ao princípio de razão do conhecer: o fundamento de conhecimento rege o domínio do pensamento abstrato, dos conceitos; a Ideia, objeto do gênio, por outro lado, é conhecida apenas intuitivamente, o motivo pelo qual se encontra em oposição, ao modo de conhecimento abstrato ou racional. Por isso, é raro encontrar-se, ou nunca se encontra, grande genialidade de par com a racionalidade proeminente, mas antes, pelo contrário, indivíduos geniais muitas vezes estão submetidos a afetos veementes e paixões irracionais. O fundamento disso, todavia, não é a fraqueza de razão, mas em parte reside no fato de que no gênio o conhecimento intuitivo é completamente predominante, via sentidos e entendimento (SCHOPENHAUER 2003, p.74).

O fundamento disso não é a fraqueza de razão, mas em parte constitui em que o indivíduo genial, nele mesmo, é um acontecimento incomum, fenômeno enérgico da Vontade, exteriorizando-se numa grande intensidade de atos. No gênio o conhecimento intuitivo é completamente predominante, por intermédio de seus sentidos e entendimento, acerca do abstrato, daí o surgimento da orientação do espírito para o que é intuitivo, e a impressão desse tipo de conhecimento é altamente enérgica, ofuscando de imediato os conceitos frios e incolores, porque estes conceitos não conduzem a ação, o que precisamente se torna irracional. Por este motivo, a impressão do presente é bem forte sobre o gênio, arrastando-o para o irrefletido, o afeto, a paixão.

Ainda em referência a este irracional, ou seja, a loucura, juntamente com todas as suas falhas e excentricidades do gênio, é necessário ressaltar que, ao gênio cabe uma medida excedente da faculdade de conhecimento, medida esta superior a que é preciso para o serviço individual da Vontade. Este excedente torna-se livre sem estar ativo para o serviço da vontade do indivíduo, restando apenas como puro sujeito do conhecer, espelho da essência do mundo, que é a atividade genial.

Todas as falhas, nas quais a atividade genial está submetida, são o motivo da observação de que genialidade e loucura possuem uma fronteira comum, uma linha tênue que ambas são interligadas. Pelo menos, é facilmente tido pela sociedade como portador de indícios de loucura. E seguindo estes indícios, vários escritores seguindo o entusiasmo ficcional nomearam a loucura, amável, nos quais nunca houve, e nem haverá um espírito genial, sem uma mistura de loucura.

[...] de outro, eu o confirmei pelas minhas constantes visitas a manicômios, quando muitas vezes encontrei sujeitos com disposições inegavelmente grandiosas, através de cuja loucura olhava a genialidade, apenas refreada pela loucura, que aqui, prevaleceu por completo (SCHOPENHAUER, 2005, p.76).

Poderíamos até afirmar que é obra do acaso, o fato de alguns gênios terem sido considerados deficientes mentais, mas isso não se pode levar em conta, muito menos com crivo de seriedade. Pois de um lado, o número de loucos é extremamente pequeno comparado aos outros seres humanos, cuja sanidade mental é considerada pela sociedade, saudável. O número de loucos é desproporcional, e de outro lado, por sua vez um indivíduo genial é fenômeno raro para além de toda medida comum. Encontrar-se nesta dualidade entre genialidade e loucura, assim é o gênio que por pouco não ultrapassa a linha tênue, abraçando a loucura, pois a essência da genialidade se encontra em algo que coincide diretamente com a loucura.

Todos os grandes poetas tem o dom do intuitivismo, porque eles partem das intuições de sua fantasia, não de conceitos como os imitadores, os quais querem com palavreados pomposos estimular intuições vivazes nos outros, ao passo que eles mesmos possuem apenas conceitos: querem comunicar calor, enquanto no íntimo são frios. Mas, do modo mais maravilhoso, esse dom é empregado quando nos permite intuir as coisas que não conhecemos na efetividade – portanto, o poeta mesmo também não as viu; contudo ele as descreve de tal maneira que sentimos serem possíveis, de tal modo que teriam de se parecer assim e não diferentemente. Deste ponto de vista, Dante é único. Ele descreve o inferno: são combinações apropriadas que não podem ter lugar no mundo efetivo, porém tão verdadeiras que vemos tudo, a cidade dos heréticos, cujas moradas são caixões ardentes, onde eles se deitam; o pântano de pez efervescente, de onde os condenados emergem as cabeças, como sapos. Por isso digo que a grandeza de Dante reside em ele possuir a verdade do sonho, ao passo que outros poetas têm a verdade do mundo real (SCHOPENHAUER, 2003, p.198).

O gênio é o mediador dos demais seres humanos, facilitando o ingresso à intuição das Ideias, pois nem todo ser humano é capaz de encontrar-se em momentos as quais a natureza dá a conhecer sua sublimidade, e estas ocasiões não ocorrem permanentemente, uma obra de arte pode servir como representante dessas vivências imediatas.

4. CONCLUSÃO

Nesta perspectiva podemos concluir que a Vontade, é intrínseca a existência humana, impelindo seu fazer-efeito por intermédio do indivíduo, são vícios e virtudes. A tragicidade de oscilar entre prazeres e tormentos são em parte lamentáveis, pois para Arthur Schopenhauer em sua filosofia pessimista interpreta que o mundo e a humanidade não são livres de desejos e de tormentos, em um teatro de horror cumprem o papel de ser corpo, objeto imediato da Vontade. Negar os nossos impulsos, seria negar tudo aquilo que nos faz humanos.

A morte não produz alívio às dores do indivíduo, antes cessam apenas sua individuação, morte e o ato de morrer, são apenas partes inerentes à própria vida. O prazer que se pode alcançar no tempo efêmero que é a vida humana, possui limites estreitos, como o otimismo é o subterfúgio dos tolos. O sentido imediato da vida é o sofrimento de viver no pior dos mundos possíveis, apenas por meio da fruição do belo, contemplação do objeto da arte, que a penúria da vida é esquecida.

Através da contemplação do belo, que o conhecimento estético exposto na obra de arte, traz ao sensível à luz das Ideias. De acordo com Schopenhauer apenas o gênio tem a capacidade de contemplar as Ideias, apreendê-las de forma desinteressada, em face de todos os Homens. Apenas o gênio retira o essencial do mundo e transforma em objeto de arte, o conhecimento genial abandona o princípio de razão, pois a Ideia da mesma maneira não segue o princípio de razão, gerando a susceptibilidade a loucura.

O estado estético que eleva o ânimo, transportando-o para além dos limites de felicidade e penúria, plenamente livre da Vontade. No enredo de seus contos segue delineando a interpretação do mundo, entrando em cena personagens diferentes, que intencionalmente possuem o mesmo destino, apodrecer em vida por causa de doenças incuráveis, resignados em calabouços, até o fim da sua existência. Padecer em um mundo cujo sofrimento é o autoconhecimento da Vontade, só o poeta é o mensageiro verdadeiro, de uma vida além do sofrimento existente no mundo, e apenas a arte é o bálsamo que harmoniza este alívio.

Schopenhauer atando-se a miséria do mundo evoca as dores que permeiam o mundo, e geram o dissabor pela vida, o pessimismo torna-se regra fundamental até o fim da existência humana, revelando sua verdadeira face, a resignação, caindo nas sombras, à alma flutuando presa, poderá ser libertada, isto é, nunca mais.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Augusto dos. **Eu**. 38ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: A decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.
- CIORAN, Emil. **Silogismos da Amargura**. Trad. José Thomas Brum. Rio de Janeiro. Rocco. 1995.
- LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petropolis: Ed. Vozes, 2005.
- MANN, Thomas. **O pensamento vivo de Schopenhauer**. São Paulo: Martins, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- REDYSON, D. **Schopenhauer e a metafísica do pessimismo**. João Pessoa, 2008.
- SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como Vontade e como Representação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. Tradução: Jair Barboza.
- _____. **Metafísica do Belo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003. Tradução: Jair Barboza.
- _____. **Metafísica do Amor e Metafísica da Morte**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004. Tradução: Jair Barboza.
- _____. **Do sofrimento do mundo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.